

Como o mercado percebe a energia

Porque as ações das firmas que são intensivas em carbono são classificadas como Triple - A quando existe uma enorme pressão ambiental e riscos associados nas diversas áreas de atuação onde elas operam? Essa pergunta é feita pelos investidores verdes.

Nos dois últimos anos os maiores IPOs foram de duas empresas que produzem combustíveis fósseis, a Petrobras e a Coal Índia. No estudo recentemente, divulgado no Reino Unido, que analisou as ações das 100 maiores empresas de carvão, petróleo e gás concluiu que se o mundo quiser limitar o aumento de temperatura em no máximo 2° C, somente 20% de suas reservas fósseis poderiam ser exploradas.

Estamos falando de que 80% das reservas de fósseis deixariam de ser retiradas e o mundo em 2050, praticamente, teria energia renovável e nuclear. Por outro lado, só teríamos aço fabricado com energia elétrica e carvão vegetal e cimento com biomassa. Na realidade, esse relatório coloca de forma clara o distanciamento entre os objetivos das políticas de mudanças climáticas e a resposta pragmática do mercado. Como exemplo, citamos o Reino Unido, líder das ações políticas sobre as mudanças climáticas no mundo.

Ao mesmo tempo em que lança um pacote de medidas para reduzir o carbono do seu sistema elétrico, inclusive precificando o CO2 em 15.73 libras/tonelada, estimula a companhias petrolíferas, pela via de incentivos fiscais, a investir em pesquisa geológica de hidrocarbonetos.

Fica claro que, embora haja uma política para viabilizar as fontes renováveis e a nuclear e diminuir a dependência dos fósseis, na Europa importadora dos mesmos, a segurança energética está em primeiro lugar.

Quanto fala-se em reservas de fósseis esquecemos dos recursos que serão acessados quando houver tecnologia para tal, vide exemplo do nosso pré-sal. Na Europa, no Mar do Norte, onde a produção de gás está declinando, existe uma Arábia Saudita de carvão a dois mil metros de profundidade. O mesmo ocorre no Mediterrâneo, entre Itália e Espanha.

A tecnologia de gasificação *in situ*, que avança rapidamente, viabilizará o aproveitamento do gás de carvão e a captura de CO2 o tornará ambientalmente correto. O mundo, ávido por energia, precisará de todos os combustíveis e os fósseis por suas características de concentração energética serão aproveitados visando à segurança energética do planeta.

A observar a indústria do petróleo, 80% das reservas estão nas mãos de empresas estatais, sem falar da indústria de carvão e gás que está espalhada no mundo, trazendo emprego, renda e desenvolvimento.

A percepção do mercado (fundos de pensão e investidores privados) identifica

claramente que as empresas que operam com os combustíveis fósseis são as mais seguras para investir. Assim como o relatório fala em bolha de carbono, há uma percepção da bolha verde.

Como se explica essa dicotomia? Os mercados avaliam de forma correta que há uma enorme demanda de energia no mundo, que os fósseis são os mais baratos e fundamentais para dar segurança energética, que há uma busca por novas reservas (carvão, gás, gás shale, óleo profundo etc.) associada com um enorme investimento em tecnologia para explorá-las e usá-las de forma mais segura e ambientalmente justa.

Avaliam também que não haverá tão cedo um acordo vinculante que venha a comprometer o uso dos fósseis, que representam 4/5 do consumo mundial. O cenário de prevalência dos fósseis na matriz energética mundial, nas próximas quatro décadas, dá o conforto e a segurança ao mercado para investir em companhias como a Petrobras, que são apoiadas pelo governo brasileiro, na sua estratégia de reduzir a pobreza e a miséria, investindo em educação e inovação os recursos dos *royalties* do petróleo.

O mercado trabalha com o mundo real e não com o ideal (politicamente “correto”), como é o nosso plano de energia PNE 2020, que prevê cinco anos sem usinas térmicas no Brasil, deixando de lado uma energia competitiva, que propicia elevado impacto sócio econômico, que é o carvão mineral nacional.

Fernando Luiz Zancan

Presidente da Associação Brasileira do Carvão Mineral – ABCM

Julho de 2011